



Organizadores:
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajетórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE

2022



Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Líliliana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN: 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuimos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022



William Ribeiro da Silva é Professor Associado do Departamento de Geografia e Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, atuando em ensino, pesquisa e extensão. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Foi Visiting Researcher na City University of New York (CUNY), nos Estados Unidos, para estudos de Pós-doutoramento.

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate¹

Prof. William Ribeiro da Silva²

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): Professor, gostaríamos que você falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica, o que lhe trouxe a esse momento como professor da UFRJ, que autores e professores lhe inspiraram, como foi a sua trajetória e atuação na geografia?

Prof. William Ribeiro da Silva (UFRJ): Primeiramente, é um imenso prazer estar aqui participando com vocês deste debate, desta conversa! Quando a Virgínia me escreveu, fiquei muito feliz com a ideia, achei muito interessante, muito boa. Vou tentar explicar um pouco dessa questão da trajetória; você falou da questão de influências, então vamos lá, não sei como poderia detalhar aqui, mas eu vou tentar ser bem sucinto. Eu iniciei a minha trajetória de pesquisa na Iniciação Científica, ainda em Londrina, no Paraná, Universidade Estadual de Londrina (UEL), mas é uma trajetória bem interessante, porque eu comecei na área de geoprocessamento. Trabalhava com sensoriamento remoto, com análise da expansão urbana por meio de imagens de satélite, sob orientação do Prof. Omar Neto Fernandes Barros, em que usávamos o *software Spring*.

Na verdade, quando eu trabalhava com essa pesquisa era tudo por satélite (*Landsat TM*), nós começamos em algum momento a tirar dúvidas que a gente tinha (naquela época, as imagens de satélite não tinham a resolução

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 30 de outubro de 2020.

2 Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

que têm hoje, e a resolução era muito baixa, com os usos da terra sendo determinados com as composições coloridas em RGB), então havia muito mais dúvidas quando a gente tentava fazer alguma interpretação e íamos ao campo para conferir, para saber se realmente o uso do solo que se estava fazendo a análise era realmente aquele que a imagem mostrava – sempre nas extremidades do tecido urbano de Londrina (PR). Nesses trabalhos de campo foi que eu comecei a me questionar um pouco mais sobre as razões daquele uso estar naquela área, com aquela forma. Foi quando eu comecei a me interessar mais pela questão da produção da cidade, e não necessariamente só a visualização à distância – sentia vontade de conversar com as pessoas, com os responsáveis pelos processos etc., e isso eu estava no terceiro ano do curso de Geografia (1998).

No ano seguinte, eu continuei com essa pesquisa, mas já começando a fazer questionamentos um pouco diferentes e comecei a ler e me interessar muito mais por entender o porquê de haver algumas áreas da cidade que tinham concentrações comerciais maiores. Então, fui tentar entender um pouco o que explicava aquilo, porque eu via na imagem de satélite, mas não entendia, não sabia explicar porque aquilo estava acontecendo. Foi quando, ainda na graduação, já no finalzinho (1999), conheci - via textos – o Prof. Milton Santos – com os livros *A urbanização brasileira*³, *Por uma economia Política da Cidade*⁴ e *Metrópole Corporativa e Fragmentada*⁵ e a professora Maria Encarnação Sposito, em especial, com o texto intitulado “*O centro e as formas de expressão da centralidade urbana*”⁶, de 1991, o que me inspirou a elaborar um projeto de mestrado que foi iniciado em 2000, na Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, sob orientação dela. Então essa foi a minha grande influência nesse momento e que marcou o início da carreira como pesquisador.

Quando eu iniciei o mestrado, aliás, antes disso, ainda em 1999 participei pela primeira vez do Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIM-PURB), em Presidente Prudente, e assisti a apresentação da tese da profes-

3 SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2005.

4 SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: EDUSP; 2009.

5 SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso da São Paulo*. São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

6 SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. *Geografia*, São Paulo, n. 10, 1991.

sora Doralice, e então conheci muitas pessoas neste encontro, que foi para mim um marco, porque foi muito enriquecedor pela troca de experiências. Foi a primeira vez que eu vi muitos autores que eu estava lendo nesse momento, por isso, foi para mim um marco bem interessante. Entre parceiros de pesquisa atuais, destaco ter conhecido neste evento o Arthur Magon Whitacker, atualmente professor da UNESP e membro da ReCiMe, que fazia seu doutorado na época.

Quando comecei o mestrado, foi o início dessa trajetória na pesquisa urbana e já sobre cidades médias, porque eu estava estudando a cidade de Londrina, no Paraná, mergulhado no grupo de pesquisas de Presidente Prudente, que é o GASPELL⁷ onde já havia um número grande de pesquisas sendo desenvolvidas e já havia todo um conjunto de conversas que eu acompanhava, porém não participava diretamente, que era a organização da ReCiMe. Eu acompanhava, sobretudo, porque quando a Carminha contava: *“Olha a gente tá fazendo isso, fazendo aquilo...”*, eu ia acompanhando à distância, como é que aquilo estava sendo feito, enquanto era aluno de mestrado.

Depois disso, eu acabei fazendo o doutorado, também na Unesp Presidente Prudente, desta vez com a pesquisa sobre a centralidade em duas cidades do norte do Paraná, Londrina e Maringá, e mais uma vez uma pesquisa sobre cidades médias e sob a orientação da Carminha, trabalhando de forma um pouco mais direta, agora com o tema da reestruturação urbana nessas cidades, sobre o urbano e o regional. E foi nesse sentido que eu acabei, então, tendo essa formação na área da pesquisa sobre cidades médias, mais especificamente, sobre centro e centralidade urbana.

Concluí o doutorado no ano de 2006 e foi justamente neste ano que iniciamos um projeto, não me lembro com exatidão se foi 2006 ou 2007, que foi o “casadinho”. Era um projeto de colaboração conjunta de duas instituições, mas que várias pessoas de diferentes instituições foram incorporadas. Nesse, a coordenação era da professora Denise de Souza Elias, da UECE, e da professora Maria Encarnação Sposito, da UNESP, e eu entrei nesse projeto que foi, na verdade, a primeira atuação conjunta da ReCiMe. Ali começamos e foi para mim um movimento muito interessante porque eu tinha acabado de terminar o doutorado e não tive aquele tempo que

7 Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais.

normalmente as pessoas têm quando terminam o doutorado e ficam ainda tentando se encontrar. Eu não tive esse tempo porque logo entrei nessa pesquisa, fui desenvolvendo, atuando... Foi uma verdadeira escola de pesquisa. A interação com pesquisadores de diferentes gerações, com debates duros e acalorados. Eu aprendi muito. Então essa passagem da conclusão do doutorado para o início desta pesquisa foi muito rápida e também coincidiu com uma mudança muito grande na minha vida, que foi quando eu passei no concurso (2006) e virei professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-2007).

Foi quando eu me mudei para o Rio de Janeiro e estava imerso nessa pesquisa que realmente me fez continuar com esse grupo, com esse conjunto de interações. Embora eu estivesse amplamente mergulhado nessa pesquisa, destaque-se que ela teve continuidades, os “casadinhos” foram se sucedendo, é importante ressaltar que era um momento muito especial da pesquisa no Brasil, onde havia expansão de investimentos via CNPq, via CAPES, via FINEP. Era uma sucessão de “casadinhos” PROCAD⁸, vários projetos e editais que iam aparecendo e o nosso grupo ia sempre se colocando. Esse casadinho inicial foi substituído pelo que se chamou “casadinho 2”, que aí era entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a professora Doralice Sátyro Maia e novamente a professora Maria Encarnação Sposito (UNESP). Depois teve, ainda, o terceiro casadinho, este foi entre a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que a professora Maria José Martinelli liderava juntamente com a UNESP de Presidente Prudente, com a Carminha e com UFRJ, que era comigo.

Agora, mesmo imerso nessa grande pesquisa e trabalhando muito com essa interação com os colegas, na UFRJ eu tive uma continuidade da minha formação, eu posso dizer assim, porque tive o imenso prazer e honra de dividir sala com o professor Roberto Lobato Corrêa e, então, essa convivência diária com ele, foi e é, sem dúvida nenhuma, extremamente importante na minha formação. Todos os dias ele tem uma importante indicação bibliográfica de textos importantes para a Geografia Urbana, sempre um artigo, um livro, um capítulo, algum pesquisador para eu conhecer (ele sempre lembra de alguma coisa que é muito importante) e é sempre um aprendizado muito grande de fato. Destaque-se que Roberto Lobato passou a ser um debatedor

8 Programa Nacional de Cooperação Acadêmica

constante da ReCiMe e participou de muitas publicações conjuntas como autor de capítulos de livros ou como prefaciador. É também uma questão extremamente importante que eu gosto de registrar que é o fato de que, na UFRJ, eu também passei a ser procurado por muitos alunos para orientar trabalhos sobre metrópoles, sobre o Rio de Janeiro, obviamente muita gente, mas de outros lugares também, Belo Horizonte, Lima, no Peru, entre outras. Então, eu tive uma mudança na minha perspectiva profissional, ter que olhar para as questões metropolitanas, então, repito, embora mergulhado nessa pesquisa, eu tive e tenho ainda hoje essa outra questão.

Um pouco dessa mistura, portanto de influências, que culminou no avanço profissional, onde passei a me dedicar bastante sobre o tema da reestruturação urbana. Em alguns momentos, olhando para cidades médias, em outros, olhando para as metrópoles, mas com a temática da reestruturação urbana. Bom, é um pouco isso que eu tenho trabalhado agora, então nos anos de 2018 e 2019, eu tive uma nova experiência bem interessante no pós-doutorado, em que fui agraciado com uma bolsa do CNPq (PDE) e fiquei um ano trabalhando na Universidade da Cidade de Nova York (CUNY) e tive ali a possibilidade de ter um contato com uma outra dinâmica de pesquisa, com uma outra dinâmica de debate teórico, de contatos profissionais que foi uma outra balançada na minha maneira de pensar e de fazer pesquisa.

Então, enfim, eu tive uma convivência também com professores dedicados, muito sérios. Tive a oportunidade de desenvolver pesquisas sobre a relação entre a urbanização e a produção de shopping centers no Brasil e nos Estados Unidos, mais uma vez, em cidades médias. Estudei, em particular, duas cidades nos Estados Unidos, Buffalo, no Estado de Nova York, e Fresno, na Califórnia. É um pouco dessa continuidade da formação.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): Professor William, quando a gente pensa nos estudos das cidades médias brasileiras, embora tenha avançado muito nos últimos 20 anos, percebe-se que esses estudos já apareciam com o professor Oswaldo Amorim, lá de Minas Gerais, com a própria professora Maria Adélia, que coordenou a primeira Política de Apoio às Capitais e às Cidades de Porte Médio... Eu queria que você falasse um pouquinho o que a ReCiMe traz de novo para os estudos das cidades médias, que se diferencia em relação a esses estudos pioneiros lá da década de 1970.

Prof. William: A ReCiMe não inaugurou a pesquisa sobre cidades médias e não detém monopólio disso, em hipótese alguma. A pesquisa sobre cidades médias existe em diferentes lugares do mundo, desde muito tempo, inclusive no Brasil. Ela, na verdade, é até anterior a esse processo dos anos 1970 que você comentou, do professor Osvaldo, da Prof.^a Maria Adélia, e que eu vou falar já também. Mas isso já existia quando a pegamos para ver aquele artigo tão bonito que o professor Maurício de Almeida Abreu escreveu para o Simpósio de Nacional de Geografia Urbana⁹ e que foi publicado no livro organizado pela Ana Fani Carlos, um artigo brilhante, de 123 páginas, onde ele fez um resgate de toda a produção do urbano no Brasil. E quando a gente olha ali, é possível verificar muitas pesquisas sobre cidades médias, obviamente numa proporção muito reduzida em comparação aos estudos sobre as metrópoles, exatamente porque havia a concentração das universidades nas áreas metropolitanas e isso também tinha uma tendência das pesquisas serem feitas nessas áreas, mas sempre houve um número significativo de pesquisas em cidades médias.

Agora, importante dizer que nos anos 1970 e nesse contexto do II PND¹⁰, em que houve inclusive um programa oficial sobre cidades médias, nós tivemos ali portanto esse contato com a pesquisa de doutoramento sobre cidades médias que havia sido concluída pela professora Maria Adélia Aparecida de Souza, então da Universidade de São Paulo (USP). Ela trouxe exatamente esse conjunto de influências sobre pesquisas urbano-regionais, com destaque para a questão das chamadas capitais regionais ou das cidades médias, que era influência do professor Michel Rochefort, que foi orientador dela e que ela trouxe para o Brasil e reforçou, de certa maneira, essa influência dos estudos das redes urbanas. Esses estudos já vinham sendo feitos no Brasil em grande parte, desde que houve em 1967, o encontro da UGI¹¹, que foi realizado na aqui no Rio de Janeiro, onde o próprio Michel Rochefort veio e se tornou uma pessoa bastante influente sobre o IBGE; o professor Brian Berry esteve aqui e também passou a ser extremamente influente no IBGE. Interessante que se diga que foi por causa deste movimento que muita gente acabou por fazer suas pós-graduações nessas áreas, como é o caso do professor Roberto Lobato, que acabou

9 ABREU, M. A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: Evolução e avaliação (Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: Edusp, p. 199-322, 1994.

10 II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975 – 1979).

11 União Geográfica Internacional.

também por fazer a pós-graduação nos Estados Unidos, na Universidade de Chicagó, sob orientação do próprio Brian Berry.

Então esse processo vinha acontecendo e foi também o caso do Oswaldo Bueno Amorim, da professora Beatriz Pontes, que passaram a se dedicar sobre esse tema das cidades médias nos anos 1970, e isso acabou se tornando, inclusive, um programa oficial, conforme disse, no II PND, que foi coordenado nacionalmente pela professora Maria Adélia, com coordenações regionais, uma delas foi da professora Beatriz Pontes. Assim, uma maneira de pensar em cidades médias foi introduzido, algumas publicações foram feitas, várias pesquisas foram realizadas e houve o registro institucional.

Nos anos 1990, a partir sobretudo da iniciativa do IPEA¹², houve um programa de pesquisa sobre cidades médias que foi coordenado em escala nacional e que houve algumas publicações também importantes sobre cidades médias. Enquanto isso, muita gente já fazia e orientava pesquisas sobre cidades médias, só não havia uma sistematização dessas. Interessante porque, se a gente olhar os anais do Simpósio Nacional de Geografia Urbana, é possível encontrar ali muitas pesquisas sobre cidades médias, só que não havia exatamente a sistematização dessas pesquisas enquanto tal. O que a ReCiMe faz, a meu ver, desde quando ela começa a trabalhar, sobretudo com o primeiro grande projeto, é trabalhar num projeto comum, ou seja, é uma rede de pesquisadores que desenvolve pesquisa conjunta, não apenas uma congregação de pesquisas. Então, o que nós fizemos desde 2007 foi estabelecer uma leitura do processo de urbanização, olhando para as áreas urbanas não metropolitanas, de maneira conjunta com uma metodologia integrada. Ou seja, buscando parâmetros que possibilitassem a comparação, que possibilitassem a análise conjunta e que buscasse compreender as diferenças e aproximações regionais brasileiras.

A meu ver, o que se faz na ReCiMe nesse momento, o que ela traz de novo é essa possibilidade, não apenas de congregar pesquisadores interessados sobre as cidades médias, mas também de desenvolver pesquisa conjunta que possibilite que tenhamos parâmetros de análise da totalidade da produção dessas cidades. Então eu diria que é isso o que a ReCiMe traz de diferente. E não é a única. Há uns 10 anos, formou-se também

12 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

uma outra rede de pesquisadores de cidades médias¹³, que passou também a produzir pesquisas, mas aí não é uma rede que está na Geografia, embora houvesse alguns geógrafos que fizeram parte. Não é uma rede da Geografia, era uma rede coordenada pelo professor da Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Marcos Costa Lima, mas havia ali um grande número de economistas e era uma rede bastante ligada ao Centro Celso Furtado.

A meu ver, o que se faz na ReCiMe nesse momento, o que ela traz de novo é essa possibilidade, não apenas de congregar pesquisadores interessados sobre as cidades médias, mas também de desenvolver pesquisa conjunta que possibilite que tenhamos parâmetros de análise da totalidade da produção dessas cidades.

Confesso que eu não sei se essa rede está em operação, eu sei que ela funcionou por algum tempo exatamente por essa aproximação com o Centro Celso Furtado, mas há algum tempo não tenho contato com esses professores, não sei se ainda está funcionando. Mas o que eu queria dizer era o seguinte: não é a única e não precisa ser. Eu acho que outras iniciativas são realmente muito bem-vindas sempre. É o que a gente sempre comenta, nós temos muito o que pesquisar, ou seja, esse Brasil urbano ou, na verdade, nós pensamos muito o Brasil na ReCiMe, mas a gente também tem colegas que são de outros países, então isso aumenta mais ainda as nossas questões, porque aparecem ali sempre outras situações extremamente importantes de outros países. Ou seja, a gente tem muito que pesquisar, então não existe monopólio de pesquisa de jeito nenhum.

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Gostaria de fazer uma pergunta sobre a importância da temática das cidades médias para a Geografia e também para as áreas próximas da Geografia, como por exemplo, o olhar sobre essa dinâmica das cidades médias. Quais elementos novos podem contribuir para o conhecimento? A segunda questão seria sobre se esses estudos que o senhor tem desenvolvido: por trás dessa trajetória que no primeiro momento apresentou muito bem, há alguma metodologia para o estudo específico sobre as cidades médias?

13 Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias – REDBCM.

Prof. William: Olha, primeiro a importância para a Geografia, ela é fundamental porque não dá para a gente pensar o urbano no Brasil se a gente só centra os esforços nas áreas metropolitanas. O Brasil urbano é muito maior do que somente as áreas metropolitanas, embora os estudos sobre as metrópoles sejam fundamentais, e isso ninguém nega. Mas não constitui a totalidade do território, então temos que olhar para as outras questões relativas ao território e, por isso, a pesquisa sobre cidades médias é fundamental para se pensar a totalidade e pensar exatamente em questões de complementaridade e concorrência ou do funcionamento de uma rede urbana por meio da divisão territorial do trabalho, o que nos levaria à possibilidade de se pensar a totalidade da pesquisa urbana no Brasil. Muito engraçado porque sempre que eu converso com Roberto Lobato - ele que teve uma experiência muito grande profissional no IBGE e que trabalhou, entre outras coisas, na realização do Estudo de Região de Influência das Cidades (REGIC) e fez pesquisa em diferentes cidades médias - ele sempre diz o seguinte: *“Olha William, o IBGE não tem mais a equipe que tinha no passado e não faz mais as pesquisas como fazia no passado”*, ele falou assim, *“de certa maneira, vocês da ReCiMe precisam fazer essa pesquisa que o IBGE não consegue mais fazer”*.

Então é um pouco do que temos, portanto, essa questão é extremamente importante para auxiliar o pensamento do país, de conhecer exatamente esses processos da urbanização além das metrópoles. E aí você me pergunta sobre a questão de uma metodologia específica, e aí é que está a grande questão. A cidade média não é apenas uma cidade menor do que a metrópole, ela possui também características que são muito particulares e que, se a gente ficasse estudando a cidade média pelos mesmos parâmetros que se estuda a metrópole, não seria possível entender esse processo, exatamente porque a diferença não é só o tamanho. A diferença é também um conjunto de relações que o tamanho propicia, mas também a posição geográfica influencia diretamente, ou seja, não se trata apenas de uma questão de que todos os processos que acontecem na metrópole, a gente pode identificar nas cidades médias com os mesmos padrões, não.

Alguns deles sim, obviamente, acabam tendo bastante semelhança, mas outros acontecem de maneira absolutamente diferentes, por exemplo, o processo de segregação residencial, que, nas áreas metropolitanas, gera um distanciamento muito grande entre as áreas mais pobres e as áreas mais ricas. Na

cidade média, por exemplo, poderia até tornar-se mais complexo se eu falasse da cidade do Rio de Janeiro que, na zona sul da cidade, é uma área de concentração de maior poder aquisitivo e está permeada de favelas que estão nas encostas, e aí é uma particularidade da geomorfologia do Rio de Janeiro. Mas se a gente olha para a periferia da metrópole do Rio de Janeiro, estamos falando aí de distâncias significativas em torno de 60 quilômetros ou mais, onde nós vamos encontrar exatamente um distanciamento dessas pessoas mais pobres e é muito importante que se diga que algumas delas não conhecem as praias do Rio de Janeiro, por exemplo. Parece até um pouco absurdo dizer isso, mas não conhecem, como não conhecem pontos turísticos que são famosos. Muita gente nunca foi ao Pão de Açúcar; é como se estivessem numa outra realidade urbana, o que é um processo de segregação residencial muito acentuado, com elementos de fragmentação urbana muito potentes.

Nas cidades médias isso acontece de uma maneira bastante distinta, porque nós vamos ter exatamente pela questão da dimensão, uma convivência “mais facilitada”, mas, na prática, não é. Então, embora as distâncias percorridas sejam possíveis de serem vencidas a pé, com raios de aproximadamente seis quilômetros, as diferenças sociais se marcam pelas opções e pelos usos. É importante que se diga: nas cidades médias, a chamada classe média não usa transporte público, evita ao máximo o contato em áreas públicas. E aí entra exatamente todo esse consumo seletivo que está possibilitado, por exemplo, nos shopping centers, que é o tema que eu tenho me dedicado nos últimos anos, ou seja, a escolha pela diferença por status social, e não a questão da diferença pela distância. Então, é um pouco disso, uma necessidade de se pensar esses processos olhando por dentro das cidades médias e não por fora, porque eles são processos espaciais que acontecem com outras características e que, olhando de fora, a gente realmente não consegue entender.

Prof.^a Glauciana Alves Teles (UVA): Professor, eu gostaria de saber, dentro desse contexto da sua trajetória e dos seus estudos sobre cidades médias e também das afirmações que você vai tendo ao longo desses estudos, o que você diria para um jovem pesquisador que está iniciando os estudos sobre as cidades médias hoje?

Prof. William: Eu acho que é muito importante, sobretudo quando a gente precisa colocar para os jovens, primeiro aquilo que eu disse, na mi-

nha trajetória, logo que eu terminei doutorado, eu já entrei nessa pesquisa grande da ReCiMe. A ReCiMe em si também foi uma outra formação na minha trajetória, ou seja, eu tive ali contato com muitos pesquisadores e acabei tendo uma outra formação. Então, aprendi muito com os colegas que participavam e participam da rede; toda convivência com esses colegas, sempre foi uma formação e um incentivo. Eu via muita gente interessada nas pesquisas, nos *workshops* que a gente fazia e faz, sempre muitos debates, e muitas pessoas apresentando suas questões e seus interesses de pesquisa. Então, aquilo me fascinou exatamente por sentir vontade, interesse e curiosidade na pesquisa. Aquilo não estava e não está sendo feito para cumprir formalidades, aquilo estava sendo feito por interesse legítimo de pesquisa científica, então assim, a gente vê o quanto há uma dedicação

Então veja, eu me lembro que a gente já teve alguns episódios de reunião da ReCiMe em que os ânimos ficaram exaltados e a gente teve alguns momentos que eram tensos. Mas por que é que isso acontecia? Porque era muito verdadeiro, uma coisa muito intensa. As pessoas faziam com vontade mesmo, então, assim, o que eu posso dizer para um jovem que está iniciando a pesquisa é isso, mergulha na pesquisa com interesse, exatamente com essa vontade de pesquisar, curiosidade acima de tudo. Então, assim, é realmente seguir este instinto da pesquisa, é ir atrás daquilo que a gente não tem respostas no momento inicial, a capacidade de formular novas questões, novas possibilidades, é a capacidade de formular hipóteses para essas respostas. Talvez isso que é pensar nessa formação, ou seja, fazer o quê na pesquisa? Dizendo aos jovens... É também encontrar objetos de investigação, e não apenas reproduzir algo. Acho que é isso, porque vai estimular exatamente a possibilidade da formação de pesquisadores com potência para pesquisa. Então eu daria esse conselho, de pesquisar com vontade e tentar formular novas questões.

Prof. Luiz Antônio: Fale um pouco sobre as dificuldades das pesquisas em rede na conjuntura atual!

Prof. William: Olha, o momento realmente não é dos melhores, para usar de um eufemismo, o momento definitivamente não é dos melhores. Fazendo uma comparação, como eu disse e vou repetir, esse momento da minha vida que foi muito importante e eu consigo pensar sempre a partir dele. Em 2007, quando a gente iniciou a grande pesquisa na ReCiMe, é

importante que se diga, nós tivemos um projeto casadinho e um projeto PROCAD, que era de união de vários programas de pós-graduação. Essa integração foi muito forte entre as pesquisas que eram feitas. E esse foi um movimento muito importante, possibilitou a integração de maneira decisiva no fortalecimento de programas de pós-graduação. Eu me lembro, isso foi uma coisa decisiva que acontecia em todos eles; todo mundo que participava, a gente via o quanto aquilo estava sendo importante e aquilo só foi possível naquele momento porque havia incentivo de financiamento para bolsas, para deslocamento com diárias para trabalhos de campo, deslocamentos de professores para fazer missões de ensino onde todos ganham.

Então, neste movimento, vários professores foram ministrar disciplinas em outras universidades, vários alunos foram assistir aulas em outras universidades, aquilo foi muito enriquecedor. Sem financiamento, não dá para fazer isso desta mesma maneira. Dá para fazer, claro, mas não é facilitado e exclui muita gente. Do ponto de vista individual, importante que se diga: veja 2007, eu tinha acabado de defender o doutorado e tive um projeto universal do CNPq aprovado, acho que isso hoje seria praticamente impossível. Primeiro que não tem edital, então já começa por aí. Antes havia disponibilidade de recursos, era uma diferença incrível. O que a gente avalia esse momento atual, pensando agora na rede, na ReCiMe, quando terminou o terceiro casadinho que era entre a Federal da Grande Dourados, a Unesp e a UFRJ, mas que congregava todos os pesquisadores da ReCiMe, a gente tinha, portanto, ali financiamento para fazer as nossas reuniões e *workshops*, para fazer trabalhos de campo, para as nossas publicações etc., então a gente tinha ali uma questão de como nos organizarmos. Quando terminou, a gente ficou um tempo pensando: e agora? Como é que a gente avança? E já era, salvo engano, já era pós-golpe, com o governo Temer, e a gente ali pensando o que fazer, e veja, a nossa continuidade se deu por uma possibilidade que apareceu no financiamento da Fundação de Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), que abriu a possibilidade de um financiamento que daria para fazer em escala nacional.

Nós trabalhamos na coordenação desse projeto. A coordenadora é a professora Doralice Maia e está em funcionamento desde 2019 e, de certa maneira, hoje é este projeto que financia as ações conjuntas da nossa rede. Já não é mais um projeto de um órgão federal, embora exista uma parceria com o CNPq, é de iniciativa da fundação Estadual, não é mais um financia-

mento que foi aberto em escala nacional para pesquisadores brasileiros, já não é mais isso, há algum tempo isso não acontece. Então a gente percebe a diminuição progressiva dos financiamentos em pesquisa e as dificuldades para realização de atividades conjuntas.

O aperto que está se fazendo, sobretudo quando a gente olha os programas de pós-graduação, os mais novos, percebemos o aperto que estão sofrendo com a questão de diminuição de bolsas e da possibilidade de financiar pesquisas, trabalhos de campo, diárias, ou seja, o aperto imenso que está sendo feito. O momento realmente é, agora usando a palavra um pouco mais direta, “terrível”.

Prof.^a Virgínia: Quero levantar duas questões. A primeira, uma análise sobre as principais dificuldades que você encontra na obtenção e trato das fontes, nas pesquisas sobre cidades médias. E uma segunda, se você pode falar dessa experiência que você vivenciou nos Estados Unidos, por ocasião do pós-doutoramento, mostrando um pouco as diferenças e aproximações das nossas cidades.

Prof. William: Primeiro a questão das fontes, isso é muito interessante, porque as fontes secundárias em escala nacional, a gente usa e recorre muito na maior fonte oficial que a gente tem, que é o IBGE. O tempo todo estamos procurando informações que são oriundas dessa fonte. Agora, quando a gente começa com a lupa, a olhar mais detalhadamente, então a gente vai encontrando na pesquisa a questão das cidades médias, dependendo do estado que está a cidade, a gente vai ter um certo tipo de organização a partir de fontes estaduais, e aí é que entra a grande dificuldade, que é o parâmetro de comparação. Quando a gente estuda as cidades em estados diferentes, porque tem informações que cada estado organiza de uma maneira, isso dificulta demais na questão da análise comparativa. Quando a gente olha mais ainda a especificidade, entra nos municípios, a questão fica um pouco mais complicada. O que se percebe nessas pesquisas sobre cidades médias - e veja que isso não é tão diferente do que acontece nas metrópoles - é o seguinte: as relações entre a política e os círculos, digamos assim, pessoais, são mais próximos, acredito eu, nas cidades médias, ou seja, nas possibilidades de influências de pessoas, de famílias, de grupos. Elas acontecem de uma maneira muito decisiva nas cidades médias. É muito mais fácil você conhecer o secretário de planejamento urbano numa

cidade média e ter trânsito junto a ele do que numa metrópole, isso faz diferença de certa maneira e muda o tipo de pesquisa que a gente faz, porque, quando a gente conversa com os ocupantes desses cargos nas secretarias, por exemplo de cidades médias, se vê de uma maneira o quanto eles são, de certa forma, muito reféns das ações de grandes empresas. Então isso também faz a diferença, ou seja, as grandes empresas têm uma força muito grande em relação a esses secretários municipais, por exemplo.

Isso influencia na obtenção de dados numa prefeitura de uma cidade média. Às vezes você é bem recebido, outras vezes esse dado não existe, não está organizado, não está estruturado, nunca ninguém fez. Varia muito do grau de organização das prefeituras, isso é uma questão muito diferente. A meu ver, são muito importantes essas pesquisas de cidades médias porque elas são realmente muito distintas, dificilmente numa prefeitura de uma área metropolitana, sobretudo quando a gente fala do núcleo, eu costumo dizer muito isso, por exemplo pensando aqui no Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro tem o Instituto Pereira Passos, que é um Instituto muito bem organizado de planejamento urbano. Ele possui um prédio inteiro com uma equipe muito bem formada, que pensa o planejamento urbano. Eu costumo dizer o seguinte: quando a gente vai pensar a totalidade, a metrópole não termina no município do Rio de Janeiro, ela continua, se a gente vai no outro município, por exemplo, vai em Belford Roxo, você não vai encontrar um técnico dentro do planejamento urbano que tenha uma formação mais específica dedicada ao planejamento urbano. Quer dizer, estamos falando também dos tamanhos, e veja, não é tamanho populacional, mas na estrutura de organização dos municípios, isso varia muito e quando se olha para as cidades médias também vai variar, a dificuldade em se criar parâmetros que sejam possíveis de serem tratados com a mesma racionalidade. Isso para a gente, na ReCiMe, sempre foi um problema, foi um desafio, porque, quando começamos a sistematização dos resultados das nossas pesquisas, fomos buscar uma plataforma que nós chamamos de PGI, que é onde registramos exatamente os resultados das pesquisas, possibilitando que todos os pesquisadores possam fazer análises de comparação. E de repente tem coisas ali que não temos como colocar para todas as cidades, existem dados que são impossíveis de serem localizados em algumas cidades, então, sempre foi uma grande dificuldade, sempre olhamos para aquilo e falamos: como fazer? Mas não dá para colocar porque é tudo muito diferente, alguma coisa

a gente consegue, mas nem sempre fazer uma pesquisa, sobretudo quando a gente pensa em escala nacional para cidades médias é uma dificuldade extra essa relação. Isso seria também se fôssemos falar em cidade pequena, ou seja, estou dizendo sobre essa questão da avaliação da qualidade dos dados da organização, da disponibilidade que acontece. Sobre isto, sempre me recordo de José Aldemir de Oliveira e de Tatiana Schor (UFAM) debatendo os resultados das pesquisas sobre Tefé e Parintins. Havia muitas diferenças a se considerar na tabulação e na análise dos resultados para se ter comparações com outras realidades urbanas brasileiras.

Sobre a minha experiência nos Estados Unidos, foi um momento de muito crescimento e impacto na minha vida, não só profissional, na minha vida mesmo, porque eu fiquei trabalhando na Universidade da Cidade de Nova York e ali eu trabalhei bastante, participei frequentemente de seminários que aconteciam na Universidade de Columbia, onde tem um centro de pesquisa sobre o Brasil. E eles têm muito interesse, então havia, aliás até teve um seminário que foi da Tatiana que eu fui e me encontrei com ela e foi superinteressante, havia sempre esse diálogo.

Nessa universidade onde eu fiquei, a grande diferença que me marcou foi a organização das atividades de pesquisa a partir de grandes grupos. São grandes grupos dentro da universidade que dialogam, então, esse grupo da Columbia é muito próximo desse grupo que eu fiquei sediado na Universidade da Cidade de Nova York, mas há uma interlocução para seminários, para diálogos, que é muito forte. Por exemplo, primeiro o que me chamou mais atenção foi a escala. Havia, todas as sextas-feiras, um seminário que acontecia e ainda acontece, está acontecendo inclusive agora, *online*, com algum pesquisador que estava de passagem por ali e que ia apresentar questões sobre o que estava pesquisando. Então sempre tinha alguém da Índia, do Japão, da China, da França, da Inglaterra, da Colômbia, do Brasil. Um desses seminários eu fiz no final, quando eu estava nos resultados finais. Foi um momento muito interessante, foi longo, durou quatro horas e o debate foi incrível. O debate me impressionou também pela diversidade, então, primeiro o que me chamou atenção foi essa escala onde a obtenção do debate é muito internacionalizado, é muito forte. Aliás, eu participei de uma disciplina que foi ministrada pelo professor David Harvey e foi uma coisa fantástica. Era um conjunto de seminários que ele organizou para um livro que ele estava terminando de escrever. Ele debateu cada um dos

capítulos que ele estava concluindo. Quer dizer, é a possibilidade de a gente ter o contato com aquela produção que está sendo feita naquele momento.

A interação com os alunos também foi interessante. Muitos desses seminários que participávamos, como esse episódio com o David Harvey, ali a gente via integração, ou seja, de questões que ele escreve e que a gente acompanha, mas que estavam sendo feitas com pesquisas muito pormenorizadas por seus orientandos. Foi muito interessante, por exemplo, tive contato com várias pesquisas que agora se tornaram muito debatidas no mundo inteiro, caso do *Black Lives Matter*. Aquilo já era algo muito presente dentro da universidade, assim, o número de debates que teve sobre isso foi imenso, então se percebe o quanto há uma questão muito forte inclusive com questões de caráter social e político, de forma muito presente dentro dessa pesquisa.

Uma outra coisa que me chama atenção também e que me marcou muito é o quanto as bibliotecas das universidades são fantásticas. Então, grande parte do tempo lá eu passei dentro de bibliotecas, era meu local de trabalho. As bibliotecas eram realmente esse tipo de pesquisa e elas possuem facilidades de integração, por exemplo, com ambientes *online*. Dentro da biblioteca, eu conseguia acessar classificados, por exemplo, do New York Times de 1920/1930, eram coisas muito fáceis de você encontrar via sistema integrado que eles têm. Do ponto de vista da pesquisa, eu estudei também algumas cidades nos Estados Unidos, então é uma outra dimensão, a empírica das cidades médias.

Como se trata de uma rede urbana que tem um maior equilíbrio do que a rede urbana brasileira, digamos, no território ele tem um maior equilíbrio na distribuição regional entre as metrópoles, eu costumo dizer, primeiro, que tem um efeito fundamental, que é o fato de ser um país com duas costas, então isso faz toda a diferença para essa distribuição. Não existe lá, como a gente tem no Brasil, essa questão tão leste-oeste, porque lá tem, tanto leste-oeste quanto oeste-leste, então isso já modifica bem. Então, duas cidades que eu estudei nessa pesquisa foram Buffalo, que fica no estado de Nova York, bem no norte, na fronteira com Canadá, e Fresno, que fica na região central da Califórnia. Nesse sentido, eu peguei uma cidade no extremo leste, uma cidade no extremo oeste, então é muito interessante a integração regional que essas cidades têm, o porte dessas cidades, assim,

algumas delas têm sede de empresas muito importantes também. Foi um contato muito interessante em termos de impacto, para começar a pensar a questão de outras possibilidades. Foi realmente uma vivência muito interessante, muito impactante, assim eu diria. As cidades, de fato, possuem estruturas muito distintas das brasileiras e o formato difuso e com a prevalência do consumo em shopping centers é fundamental.

Prof.^a Virgínia: Só mais uma curiosidade. Por que Estados Unidos? Por conta dos shopping centers? Digo isso porque predominantemente quem trabalha com Geografia Urbana acaba escolhendo um país europeu para experiências dessa natureza.

Prof. William: Olha, eu não vou dizer também que talvez não tenha a influência do meu colega de sala, porque, de certa maneira, o Roberto Lobato sempre gosta de comentar. Ele é muito interessado sobre o que acontece nos Estados Unidos porque ele estudou lá também, ele me estimulou bastante, mas no meu caso particular... Como eu atualmente estou estudando a questão de shopping centers, buscar, na verdade, a origem destes, por isso o meu interesse nos Estados Unidos. Tem essa questão da dimensão teórica, certamente, mas tinha a dimensão empírica que eu queria exatamente entender como é esse processo de surgimento. Porque a produção das cidades dos Estados Unidos, exatamente nesse contexto da formação dos subúrbios, é diretamente relacionada ao surgimento dos shopping centers. Então eu fui tentar entender, buscar compreender um pouco como é que se deu esse processo. Eu fui conhecer alguns shopping centers mais antigos e foi um aprendizado muito interessante. Shopping centers que eram muito grandes e que funcionavam desde 1950, desde 1940, é uma questão bem interessante o quanto aquilo já era popularizado.

Veja, o primeiro shopping center do Brasil foi o Shopping Iguatemi, de 1966, e eu conheci ali alguns equipamentos que já eram popularizados nos anos 50 ou antes. Então quer dizer, é um processo que já há maior difusão espacial, agora completamente diferente do que temos no Brasil. Isso para mim foi muito marcante, pois, em hipótese alguma, os shopping centers de lá são vistos sob a questão da distinção social. Isso não existe, como aqui no Brasil nós temos. Então, por exemplo, este mesmo Shopping Center Iguatemi na Faria Lima, em São Paulo, é e sempre foi um local de distinção social, enquanto que, nos Estados Unidos, é uma questão de difusão

realmente de atividades do comércio e de serviços nas áreas de expansão urbana. A distinção social acontece muito mais em algumas áreas dos centros das cidades, onde estão as grandes grifes, as grandes marcas, e algumas estão dentro de shopping centers, obviamente, mas ela não é como nós temos aqui, essa questão da frequência por distinção. No tocante às questões teóricas, o mergulho nas bibliotecas e os contatos com diversos pesquisadores foi incrível para contatos com novas perspectivas teórico-metodológicas e para refinamentos e estudos históricos.

Então, Virgínia, é um pouco disso que me motivou a ir para lá, era uma questão tanto da dimensão teórica, mas também, da dimensão empírica.

Prof. Francisco Clébio: Professor Willian, o senhor já colocou as dificuldades que a ciência brasileira tem passado nos últimos anos, a falta de financiamento, mas dificuldade maior para as Ciências Humanas. Tem se questionado muito a validade da ciência, a importância dela, então eu gostaria de saber do senhor: como dialogar para mostrar a importância do que nós fazemos?

Prof. William: Olha, isso é muito importante, viu? Porque estamos no momento em que o nosso problema não é apenas falta de financiamento - se fosse só falta de financiamento não era tão ruim - está no que a gente poderia chamar hoje no momento da pós-verdade e isso é “terrivelmente - terrível”. Ou seja, a pós-verdade vai se concretizar exatamente nessa questão de que qualquer coisa pode ser dita e qualquer coisa pode se tornar verossímil pelas pessoas. Então a produção acadêmica, científica pode ser desacreditada e isso fica num ambiente muito difícil.

Essa semana eu assisti um debate de um rapaz que trabalha com divulgação científica de Astronomia. Achei muito interessante porque ele é alguém que faz pesquisa nessa área e tem investido nessa questão da divulgação científica, mas ele não é um professor universitário. Ele é alguém que tem formação universitária, mas não é alguém formalmente vinculado a um instituto de pesquisa, ele trabalha mesmo com divulgação científica, então quer dizer, o que é que ele faz? Ele dialoga com professores, ele lê artigos e ele transforma isso, com vocabulário para que se tenha uma popularização maior dessa informação. Tem uma coisa que ele falou que eu achei superinteressante. Ele disse o seguinte: *“olha, por que as pessoas acham que a Terra é plana? Por que tem gente dizendo esse absurdo?”*

Entre outras questões, eu digo que seria porque os professores / pesquisadores, os que trabalham com isso e que são pessoas que conhecem Astronomia de verdade, quando eu pergunto para eles: o que você acha dessa coisa da Terra plana? Diz que a resposta fundamental normalmente é: ‘isso é um absurdo, mas eu não tenho menor tempo e não vou perder meu tempo debatendo isso, porque é ridículo, é um absurdo e eu tenho que orientar meus 10 alunos, tenho que escrever meus artigos, senão eu não vou aprovar meu projeto de pesquisa, senão eu não vou conseguir fazer com que minha pesquisa funcione, então, assim, o meu tempo já está todo ele absorvido com a minha atividade cotidiana - não vou perder meu tempo falando sobre Terra plana’”.

Só que o que é que aconteceu? Enquanto os pesquisadores estavam mergulhados nas suas atividades profissionais, algumas pessoas sentiram esse vácuo e começaram a falar absurdos, e esses absurdos não foram devidamente contestados nos momentos corretos, exatamente porque estava todo mundo fazendo seu trabalho. Então, eu vejo como uma neces-

sidade - hoje ela é muito imperativa - da aproximação entre a universidade e a sociedade de um modo geral. Sempre foi uma questão importante, mas, a meu ver, ela nunca foi tão importante como agora, porque a gente está no momento onde o nosso trabalho é contestado. Significa que a gente precisa defendê-lo e justificá-lo, por isso a gente precisa muito mergulhar, por exemplo, nessas questões de projetos de extensão universitária, isso a gente precisa valorizar mais. Penso sempre o seguinte: a extensão não pode ser nunca uma questão, digamos assim, paroquial, não. Ela tem que ser

Enquanto os pesquisadores estavam mergulhados nas suas atividades profissionais, algumas pessoas sentiram esse vácuo e começaram a falar absurdos, e esses absurdos não foram devidamente contestados nos momentos corretos, exatamente porque estava todo mundo fazendo seu trabalho. Então, eu vejo como uma necessidade - hoje ela é muito imperativa - da aproximação entre a universidade e a sociedade de um modo geral. Sempre foi uma questão importante, mas, a meu ver, ela nunca foi tão importante como agora, porque a gente está no momento onde o nosso trabalho é contestado.

uma extensão universitária, temos que realmente construir elementos para que a pesquisa científica seja colocada para a comunidade externa, numa interação dialógica, e não é uma questão de hierarquia de iluminados, de forma alguma. Mas eu penso que isso tem que ser e tem que entrar na nossa pauta de maneira mais decisiva. O momento atual nos obriga a também dedicar um pouco da nossa energia para isso. É claro que é muito difícil, porque a nossa atividade exige muito de nós. Eu sempre costumo falar assim: a gente trabalha muito mais do que as tais 40 horas que estão no nosso contracheque, a gente vai muito além disso.

Colocar mais uma questão no nosso cotidiano, não que estivesse fora, mas colocar agora de uma maneira mais potente vai significar a gente acrescentar a esse tempo de trabalho. Não que a gente vá conseguir reorganizar porque, enfim, a nossa vida é muito corrida e é aquilo que esse rapaz falou, e ele descreveu tão bem o que eu estava pensando, eu nunca tinha verbalizado isso: os professores têm que publicar os artigos e livros, orientar os alunos, dar aula, preparar aula, participar de congresso, preparar congresso, fazer palestra, fazer mesa redonda, fazer relatório, fazer isso, fazer aquilo... é difícil.

Prof.^a Doralice Sátyro Maia (UFPB): Eu queria aproveitar a oportunidade, até porque às vezes a gente se encontra em reuniões, mas não tem tempo também, e algumas informações surgem nessas oportunidades e então eu quero parabenizar vocês. Infelizmente, eu não pude ver a entrevista com o Saint-Clair. Mas, em função do que o William já colocou, eu queria falar que, embora seja um período de escassez de recursos para a pesquisa, principalmente de estímulo à pesquisa, mas a gente está nessa como o Clébio também colocou, da necessidade agora de dizer que nós somos importantes, da validade do que fazemos. Parece que a gente retrocedeu assim mais do que cem anos. Inclusive, eu vi uma entrevista com Miguel Nicoletis, que é coordenador do Comitê Nordeste de combate à Covid, e ele falou: *“não imaginei que eu estaria vivo para ouvir as pessoas acreditarem que a Terra era plana, quando desde a antiguidade já duvidavam”*.

Antônio Jerfson Lins de Freitas (Editora SertãoCult): A Geografia, especificamente, deveria ter uma importância grande na sociedade, não desmerecendo as outras áreas do conhecimento, mas se vê que, muitas vezes, os trabalhos não têm um impacto na vida das pessoas como pode-

ria. Como o senhor avalia essa situação hoje na academia, em que a gente está perdendo espaço? Eu queria que você pudesse comentar um pouco sobre a possibilidade de mudança dessa realidade.

Prof. William: Eu fico muito contente com o quanto vocês estão aí se mobilizando. Estamos, inclusive, organizando agora um *workshop* da Re-CiMe nesse formato, em ambiente virtual. Começamos a pensar nisso e, claro, e acho vocês estão bem inseridos já com projeto e agora buscando financiamentos. Penso que tem que ser assim. Cada vez mais uma coisa que se tem conversado dentro da rede é de que isso está, como bem disse a Doralice, a gente está com esse financiamento da fundação da Paraíba para pesquisa, mas não dá para fazer tudo que gostaríamos de fazer. É um financiamento que temos e que talvez o valor por pesquisador é muito menor do que tínhamos nos outros casadinhos, é uma coisa bem mais difícil, mas é o financiamento que temos hoje em escala nacional, é o único, mas é de fato pequeno. Então, cada vez mais essas iniciativas que vocês estão fazendo de cada equipe no seu estado, buscando, como vocês estão fazendo em Sobral, é o que temos. É a mesma coisa: cada pesquisador precisa correr atrás, na medida do possível, e tentar realmente garimpar esses editais, essas possibilidades, porque o momento não está fácil mesmo, não. Então eu fico muito feliz com as informações que você deu agora, de que estão se mobilizando. Isso é perfeito e, para a gente, é ótimo enquanto grupo ter mais essa iniciativa. Fico muito contente mesmo. Vamos à questão do shopping center e da centralidade...

Sem dúvida, temos diferenças entre Brasil e Estados Unidos. Sempre costumo comentar um pouco de que essas diferenças eram mais marcantes no passado e menos hoje, e acho que menos ainda marcantes no futuro, porque eu tenho discutido exatamente que o nosso processo de urbanização está cada vez mais parecido com a urbanização dos Estados Unidos, guardadas, evidentemente, as devidas e profundas diferenças constitutivas das respectivas formações socioespaciais. Cada vez mais nós estamos assumindo parâmetros que eles adotaram ainda nos anos 1940/1950. Nós estamos entrando nisso agora, cada vez mais nos aproximamos dessa tendência, ou seja, isso tem uma relação muito direta com o fato de as nossas cidades estarem cada vez menos compactas, ou seja, o grau de difusão espacial das nossas cidades está aumentando progressivamente. Então, as cidades nos Estados Unidos têm essa característica de serem muito

pouco compactas, ou seja, as distâncias são incrivelmente grandes e isso é a forma como lá se produziram as cidades nesse processo. Acho que, de fato, teve uma relação direta com o fordismo, a maneira como as cidades cresceram e eles tiveram um ritmo de urbanização muito forte. Primeiro, o crescimento econômico muito forte e crescimento urbano também muito acelerado. Portanto, as cidades não só cresceram demograficamente e em número de cidades, mas também, a extensão territorial cresceu demais, e isso tem a ver exatamente com essa maneira de produzir cidades, que foi exatamente a criação dos subúrbios e isso é a origem da criação dos shopping centers, ou seja, como fazer a grande população viver longe dos centros das cidades, considerando os centros como as áreas que sediam estrutura comercial, que expressão têm as centralidades mais importantes. Como possibilitar? Ou seja, os deslocamentos seriam inviáveis, seriam impossíveis e aí nem falando de questões no plano ideal, mas o plano possível. Estamos falando de população desses subúrbios que passaram a concentrar cerca de 60/70% da população, então quer dizer, é como se fosse a cidade inteira e sem isso não seria possível.

O shopping center surge nessa perspectiva de atender a essa urbanização periférica recente, então, por isso que eu digo que nada tem a ver com distinção, tem a ver com o consumo cotidiano. Por isso eles foram localizados sempre nas vias de grande circulação, exatamente para atender um conjunto maior de pessoas e o número de shopping centers é incrivelmente alto, exatamente porque nos Estados Unidos eles têm uma organização político-administrativa um pouco diferente do Brasil, até onde termina uma cidade e começa a outra é diferente do Brasil. Porém, a difusão dos shopping centers, a gente vai encontrar sempre atendendo a determinadas áreas de subúrbios, até determinadas áreas de algumas cidades.

Por exemplo, Buffalo que é essa cidade que eu já comentei, ela tem uma extensão territorial incrivelmente alta, é possível fazer deslocamentos de 30 a 40 quilômetros, o que se equipara aos deslocamentos que a gente tem nas metrópoles no Brasil, só que a densidade ocupacional é muito baixa. Então, quer dizer, esses nucleamentos não acontecem no centro da cidade, eles acontecem nos shopping centers. Num distanciamento mais ou menos constante, aparecem estes equipamentos que vão atender determinadas áreas dos subúrbios, que é onde se realiza o consumo cotidiano. É interessante porque eles vão concentrar realmente várias atividades

cotidianas. De certa maneira, nós estamos nos aproximando de uma fase como essa no Brasil. Eu tenho escrito um pouco sobre o que a gente teria aí como a “americanização da urbanização brasileira”, assim, quando eu olho a inauguração de shopping centers no Brasil atual, eles são praticamente sempre periféricos nas metrópoles e a grande parte hoje das inaugurações recentes são em cidades médias. Então quer dizer, aquele padrão do shopping center como o Iguatemi em São Paulo já não é mais a tendência brasileira. A tendência no Brasil hoje é abrir shopping center em cidades médias ou na periferia das metrópoles.

De certa maneira, isso não significa mais que estes equipamentos são relativos à distinção social, eu tenho orientado algumas pesquisas sobre o consumo em shopping center pela população mais pobre das cidades. Por exemplo, eu tenho uma aluna que está estudando Resende, no Rio de Janeiro, no mestrado, exatamente sobre o consumo dos bairros mais pobres, como é que as pessoas incorporaram shopping center no seu cotidiano do consumo, tanto de comércio e de serviços e, incrivelmente, quanto eles passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, ainda aquelas que cruzem a cidade inteira para isso. Então, o padrão de localização tem essa tendência de absorver áreas de expansão urbana nas áreas de maior conexão interurbana da cidade, normalmente fora, nas bordas do perímetro urbano e em rodovias de acesso interurbano. Isso para facilitar os deslocamentos intermunicipais, mas também para absorver a expansão urbana.

Então, o planejamento urbano que se tem hoje, quando se pensa, por exemplo, que a cidade vai crescer na implantação de loteamentos e todo o processo de expansão, hoje é feito se baseando exatamente na formação de shopping centers, essas companhias estão interessadas nisso, elas estão interessadas exatamente neste processo.

Então a gente está realmente numa nova fase da urbanização brasileira e o papel do shopping center tem cada vez mais se destacado nisso, um papel que normalmente a gente fala é a questão de difusão de bens e serviços, o quanto hoje as grandes redes de franquias estão em quase todos os shopping centers. Praticamente em todos vamos encontrar as grandes redes, as grandes franquias com uma difusão espacial considerável. Uma coisa que eu costumo dizer também é a questão da popularização do cinema. Hoje sua expansão e a do shopping center é uma vinculação

absolutamente direta. São raros hoje os cinemas fora de shopping center, então, é o que está acontecendo. É claro que tem uma diferença daqueles cinemas que passam filmes que são esses enlatados de Hollywood, mas tem uma popularização muito maior e praticamente todos os novos cinemas são em shopping centers. Interessante isso, porque veja, nem tudo é ruim, digamos assim. Nós temos, por exemplo, esse serviço que até então era de difícil acesso para a população das periferias, mas com os shopping centers, eles estão mais acessíveis, então é muito interessante.

Tem uma aluna que fez uma tese sobre cinemas, foi orientada do Roberto Lobato, e ela estudou essa diferença espacial da localização dos cinemas e chegou à conclusão final de que tem essa vinculação direta. Agora uma coisa que ela fala bastante, que é bem interessante é, por exemplo, a diferença dos cinemas. Estes estão nesses shopping centers que estão nas periferias, nas áreas mais pobres, via de regra, só passam filmes dublados. Interessante isso, praticamente não tem filmes legendados, são todos dublados e já tem também uma adaptação que tem parâmetros culturais e isso é muito interessante, essa questão da diferença, mas, a meu ver, isso seria um aspecto bom dessa popularização. E aí não é somente o cinema. Tem alguns que têm teatros, tem alguns serviços públicos de companhias de energia elétrica, bancos, que se tornam mais acessíveis para essa população, então, tem algumas questões que são diferentes.

Agora, com relação ao conflito entre o público e o privado, e isso é incrivelmente uma mudança, ou seja, não são espaços propriamente públicos, há uma seletividade, um controle e um conjunto de regras que são colocadas inclusive com constrangimento de muitas pessoas, então é algo que é muito interessante para se fazer o debate.

Sobre a pergunta do Jerfson, com relação à questão da extensão e se eu vejo possibilidade, né? Olha, é difícil... É de fato muito difícil. É de fato um desafio para nós, mas a gente vai ter que entrar porque essas pessoas que estão aí divulgando as *fake news* e falando um monte de bobagem. Estão há muito tempo falando isso, não é um movimento tão recente. As pessoas estão há muito tempo falando essas bobagens por aí e eu acho que a gente precisa começar também criar caminhos de conversar direto com as pessoas, ou seja, precisamos começar a nos adaptar a essa questão das linguagens. Então, por exemplo, eu vejo que este momento da pandemia,

inclusive, onde se aumentou muito essa possibilidade de interlocução remota, isso ampliou também a nossa habilidade com a linguagem e com a tecnologia. Muitos de nós sempre odiaram esse tipo de prática, sempre se recusou ao máximo e agora a gente foi obrigado a entrar com isso. Claro que não é a mesma coisa de um encontro presencial, é muito pior, mas, por outro lado, cria possibilidades que dificilmente a gente poderia fazer de maneira tão facilitada, de conversar com pessoas em locais tão distantes. Então eu vejo essa questão que a gente tem que entrar, então esse ambiente virtual, essas inúmeras *lives* que estão sendo feitas é uma coisa que nós não vamos perder, é algo que a gente já incorporou e que é uma maneira de ampliar nossa capacidade de divulgação científica e, por outro lado, também é uma maneira de conseguir dialogar com outras pessoas.

Isso que a Doralice falou de voltar à periferia, de reiniciar o diálogo, de tentar encontrar meios de fazer com que aquilo que a gente produz na universidade seja levado e debatido com o conjunto da sociedade, isso é muito importante. Eu sinceramente não acho que a gente tem, é essa a questão de que conversamos somente para nós, na verdade a linguagem científica precisa ter exatamente esse avanço das fronteiras, do ponto de vista teórico. E isso requer todo um conjunto da expertise acadêmico-científica que tem um vocabulário próprio, que tem uma dimensão muito própria e que, se a gente abre mão disso, está abrindo mão da ciência e do avanço nas fronteiras teóricas do conhecimento. Não podemos abrir mão disso, mas, ao mesmo tempo, a gente tem que pensar em como dialogar diretamente, ou seja, isso é um grande desafio. A gente vai ter que entrar e vai ter que encarar isso, não é simples, mas vamos ter que encarar.

Eu sinceramente não acho que a gente tem, é essa a questão de que conversamos somente para nós, na verdade a linguagem científica precisa ter exatamente esse avanço das fronteiras, do ponto de vista teórico. E isso requer todo um conjunto da expertise acadêmico-científica que tem um vocabulário próprio, que tem uma dimensão muito própria e que, se a gente abre mão disso, está abrindo mão da ciência e do avanço nas fronteiras teóricas do conhecimento.



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SerçãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883